

# Do Silêncio à Cicatriz: Como o *Bullying* aumenta o risco de autolesão entre meninos e meninas antes e depois da pandemia de COVID-19

Samia Mercado Alvarenga\*

Déborah Cristina Rodrigues Vitor†

Luiz Guilherme Scorzafave‡

Tiago Pontes Ferraz§

## Resumo

Este artigo explora a conexão entre *bullying* e a probabilidade de autolesão entre jovens em idade escolar. Dado que a pandemia da COVID-19 provavelmente mudou a dinâmica social e aumentou o isolamento social, é razoável supor que os desafios de saúde mental para a população também se intensificaram. O estudo utilizou dados longitudinais de estudantes da rede municipal de ensino de Sobral - CE, coletados em 2019 e 2022. Os resultados indicam que após o período de isolamento social, o *bullying* surgiu como um preditor significativo da tendência à autolesão. Além disso, o estudo observou que essa correlação variou com base no gênero ao longo do tempo. Antes da pandemia, as meninas eram mais propensas à automutilação como resposta ao *bullying* em comparação aos meninos, mas essa diferença de gênero diminuiu após a pandemia. Estes resultados podem ser racionalizados como uma convergência para comportamentos violentos, uma vez que as meninas passaram a responder mais ao *bullying* externalizando a agressão para com os outros. Isto indica que os jovens tornam-se mais vulneráveis aos impactos negativos do *bullying* após períodos de instabilidade social, com as meninas apresentando mudanças comportamentais significativas na externalização da agressão.

**Palavras-chaves:** *Bullying*. Ideação Autolesiva. Pandemia.

## Abstract

This article explores the connection between *bullying* and the likelihood of self-harm among school-aged youth. Given that the COVID-19 pandemic has likely changed social dynamics and increased social isolation, it is reasonable to assume that mental health challenges for the population have also intensified. The study used longitudinal data from students in the municipal school system of Sobral - CE, collected in 2019 and 2022. The results indicate that after the period of social isolation, *bullying* emerged as a significant predictor of the tendency to self-harm. Furthermore, the study observed that this correlation varied based on gender over time. Before the pandemic, girls were more likely to self-harm in response to *bullying* compared to boys, but this gender difference diminished after the pandemic. These results can be rationalized as a convergence towards violent behaviors, since girls began to respond more to *bullying* by externalizing aggression towards others. This indicates that young people become more vulnerable to the negative impacts of *bullying* after periods of social instability, with girls showing significant behavioral changes in externalizing aggression.

**Key-words:** Bullying. Self-injurious Ideation. Pandemic.

**Classificação JEL:** B55, I12, I31, J13, K38.

---

\*samia\_alvarenga@hotmail.com

†deborah\_rodrigues@usp.br

‡scorza@usp.br

§tpferraz@gmail.com

## Introdução

O *bullying* representa uma manifestação de comportamento agressivo e repetitivo, frequentemente perpetrado por indivíduos ou grupos que possuem alguma forma de poder ou vantagem sobre seus alvos (SOUZA, 2023). Esse tipo de agressão têm início nos corredores das instituições de ensino e se propaga para as salas de aula e outros espaços comuns, impactando crianças e jovens em idade escolar nas diversas esferas da vida contemporânea (ALMEIDA, 2009). No contexto brasileiro a necessidade de medidas eficazes de prevenção e intervenção fica evidente frente ao aumento de casos nos últimos anos. Entre 2014 e 2019, a porcentagem de estudantes que declararam ter sofrido *bullying* passou de 28% para 39% (FILHO et al., 2022), se transformando na principal forma de violência nas escolas brasileiras. Cerca de 28% das escolas que atendem os anos finais do ensino fundamental relataram a presença semanal de intimidação e *bullying* entre os alunos (OECD, 2019). Os resultados são devastadores e comprometem o desempenho acadêmico das vítimas, relacionamentos interpessoais e a saúde mental (RUZGAR; ZANDAVALLI, 2023).

O crescimento da ansiedade, depressão e solidão são algumas das consequências imediatas do *bullying* que em casos mais graves figura como um potencial fator de risco para a autolesão, outra forma de violência que tem chamado a atenção no ambiente escolar (SÔNEGO, 2021). A autolesão é um problema de saúde pública que, de acordo com a quinta edição do Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM-5), se enquadra na categoria de transtornos que necessitam de mais pesquisas e revisão dos critérios diagnósticos (ASSOCIATION et al., 2014). Caracterizada pela intenção de causar dano a si mesmo por meio de ações que colocam em risco a integridade pessoal, a autolesão é um ato deliberado que surge como uma forma disfuncional de lidar com conflitos emocionais e eventos estressantes (JUNIOR; CANAVÊZ, 2018). A escola é onde se poderiam perceber os primeiros sinais desse comportamento e, não por acaso, é também o lugar típico da prática de *bullying* (DEZAN, 2023). No entanto, pouco se sabe sobre a relação entre ambos os fenômenos, embora haja reiteradas evidências dos prejuízos do *bullying* para a saúde psicológica dos jovens (LUCENA; HOLANDA; BELMINO, 2020), que se fragilizou ainda mais durante o período de isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19 (VAZQUEZ et al., 2022). De acordo com Sobrinho et al. (2022), para aqueles que já enfrentavam o *bullying*, estressores adicionais e incertezas — como preocupações com a saúde, mudanças na rotina diária e dificuldades financeiras — podem ter sobrecarregado a capacidade de lidar com as dificuldades, aumentando a necessidade de se ferir como uma forma de aliviar a pressão emocional (URRUTH; JAEGER, 2022).

Diante dessas considerações, surgem as seguintes questões: jovens que enfrentam situações de *bullying* estão mais propensos à ideação autolesiva? A pandemia contribuiu para intensificar essa relação? O gênero do indivíduo é um fator que levaria a comportamentos diferenciados em resposta ao *bullying*? Para investigar essas questões, o estudo examina empiricamente a associação entre a vitimização por *bullying* e a necessidade de autolesão. Adicionalmente, testa-se o efeito heterogêneo de gênero na necessidade de se ferir dado o *bullying* sofrido, a fim de verificar se a ideação autolesiva como resposta ao *bullying* varia entre meninos e meninas devido a características individuais dos grupos. Por fim, tendo em vista que o estresse e o isolamento podem modificar as normas de gênero e a expressão emocional (BEY; ULBRICHT; PERSON, 2019), realizou-se um exercício que substitui a variável de ideação autolesiva por uma *proxy* para comportamento violento, no intuito de captar se as alterações nas condições de vida após a pandemia levaram a mudanças comportamentais na forma como meninos e meninas externalizam as consequências da vitimização por *bullying*.

A amostra é composta por estudantes da rede municipal de ensino de Sobral, Ceará, em dois momentos distintos: em 2019, quando os alunos estavam no 6º ano, e em 2022, quando estavam no 8º e 9º anos. Sobral destaca-se nacionalmente pelos excelentes indicadores educacionais e é considerado um caso de sucesso na área da educação. No entanto, nos últimos anos, o município tem vivenciado um aumento na incidência de comportamentos violentos entre os jovens. Para garantir a sustentabilidade dos bons resultados educacionais e a redução da violência, especialmente a partir dos Anos Finais do

Ensino Fundamental, é essencial garantir que as escolas sejam ambientes seguros e acolhedores para todos os estudantes, o que justifica a relevância da presente investigação (MACEDO; NELVO; SILVA, 2023). Além disso, a pesquisa sobre o papel do *bullying* na ideação de autolesão, especialmente em contextos desafiadores como o da pandemia, ainda é escassa (ARCOVERDE; SOARES, 2012). Portanto, compreender como essa relação é afetada por eventos socialmente desafiadores é fundamental para o desenvolvimento de intervenções eficazes voltadas para a recuperação da saúde mental dos jovens (SOUZA et al., 2021).

### **Teorias e Evidências: *bullying* e ideação autolesiva, o que sabemos?**

Jovens que praticam *bullying* na maioria das vezes utilizam do comportamento agressivo em relação aos outros como forma de externalizar a dificuldade que possuem em lidar com problemas emocionais, estresse e ansiedade (BRITO; OLIVEIRA, 2013). Por outro lado, as vítimas podem manifestar comportamentos autodestrutivos para lidar com o trauma emocional e psicológico causado pelo assédio repetido (CHAVES et al., 2021). Sentimentos de desamparo, baixa autoestima e isolamento social frequentemente acompanham o *bullying*, e algumas pessoas podem recorrer à autolesão para aliviar a dor emocional, buscar controle sobre suas emoções ou expressar o sofrimento interno de maneira física (RIBEIRO; LEITE; COUTO, 2022). Logo, o *bullying* pode ser considerado um fator de risco para a autolesão, principalmente dentro do ambiente escolar, onde ambos os comportamentos são observados. De acordo com Cronemberger e Silva (2023), a forma mais comum de autolesão é efetuar cortes superficiais no corpo, sem intenção de morte, mas também é frequente a ocorrência de queimaduras, bater em si mesmo e arrancar os próprios cabelos. Os motivos que levam um indivíduo ferir a si mesmo deliberadamente ainda estão longe de serem esclarecidos e consensuais (CEDARO; NASCIMENTO, 2013).

Diversas teorias buscam elucidar as motivações por trás da autolesão. A Teoria da Regulação Emocional propõe que a autolesão funciona como mecanismo de enfrentamento para lidar com emoções intensas e avassaladoras, como raiva, tristeza, ansiedade e vazio (NOCK, 2009). Já a Teoria da Dissociação sugere que a autolesão pode ser uma forma de dissociar-se de experiências traumáticas e dissociativas, permitindo um distanciamento temporário da dor emocional (BAUMEISTER, 1991). Por outro lado, a Teoria da Busca por Atenção ou Teoria da Comunicação Interpessoal argumenta que a autolesão pode ser um comportamento aprendido para se obter atenção e validação social, em situações de negligência ou abuso (BERMAN; SILVERMAN; BONGAR, 2000). Entre os principais preditores da autolesão estão um histórico de abuso, violência ou negligência parental, assim como eventos traumáticos vivenciados durante a infância, mas a autolesão, muitas vezes, também pode ser desencadeada por situações angustiantes enfrentadas cotidianamente na adolescência (ESCOBAR; ARRUDA; SOBRINHO, 2022).

Pereira (2016) investigou a relação entre *bullying* e comportamentos autolesivos não suicidários (ANS) em 271 adolescentes portugueses, de 12 a 18 anos, sem psicopatologias diagnosticadas. O estudo coletou dados por meio de questionários que abordavam contexto demográfico, comportamentos autolesivos, perfeccionismo, tendência para ser vitimizado e autocriticismo. Os resultados indicaram que a vitimização por *bullying* está relacionada com ANS, sendo essa relação parcialmente mediada pelo autocriticismo. Ou seja, adolescentes com elevada autocrítica demonstraram maior propensão a comportamentos autolesivos se forem vítimas de *bullying*. Outro estudo que examinou a relação entre a vitimização por *bullying* e a ideação e o comportamento autolesivo foi realizado por Klomek et al. (2016) com 11.110 estudantes de 168 escolas em dez países da Europa. Os autores encontraram que maiores níveis de vitimização relacional e verbal estavam associados a uma maior probabilidade de comportamentos autolesivos. Além disso, o efeito da vitimização relacional e verbal sobre o comportamento autolesivo foi mediado por sintomas depressivos.

No Brasil, Santos et al. (2017) investigaram a relação entre comportamentos autolesivos e *bullying*, considerando características sociodemográficas. A amostra consistiu em 513 adolescentes

de 15 a 19 anos, do ensino médio, no interior de Sergipe, que responderam a questionários sobre impulso, autodano, ideação suicida na adolescência, vitimização por *bullying* e um questionário sociodemográfico. Os resultados indicaram que as vítimas de *bullying* tinham 1,5 vezes mais chances de cometer autolesão em comparação com os indivíduos não vítimas. De modo geral, as evidências sugerem que fatores como pressão social, problemas familiares, questões de identidade e pressão de pares, combinados com questões individuais e circunstanciais, contribuem para o estresse emocional, resultando em uma alta prevalência de autolesão entre os jovens (JUNIOR, 2015). No entanto, devido ao desenho transversal, esses estudos não conseguem estabelecer relações causais entre as variáveis.

Os estudos sobre ideação autolesiva frequentemente utilizam dados epidemiológicos imprecisos e carecem de informações detalhadas sobre o perfil e a prevalência dos casos. A maioria das publicações se concentra em análises transversais, o que dificulta a compreensão da dinâmica dos comportamentos autolesivos além dos efeitos de curto prazo. Durante a pandemia, a prevalência da autolesão ganhou destaque (FILHO et al., 2022), mas há poucas evidências sobre esse período em que as rotinas diárias foram interrompidas, gerando incertezas em diversas áreas da vida dos jovens, como educação, emprego e atividades sociais. Essa falta de estabilidade tornou o problema ainda mais complexo, potencializando a ansiedade e o estresse em um grupo populacional que já é biologicamente mais vulnerável devido a sua fase de desenvolvimento (SOBRINHO et al., 2022). Nesse sentido, diferentes correntes teóricas podem explicar o agravamento da autolesão entre os jovens durante esse período.

A Teoria do Estresse Social sugere que períodos de crise intensificam o estresse sobre os indivíduos, levando a uma maior incidência de comportamentos violentos e autodestrutivos como uma forma de lidar com essa pressão (O'LOUGHLIN; BURKE; AMMERMAN, 2021). Além disso, Klonsky e May (2015) propõem que a autolesão é motivada por um ciclo de eventos que começa com um evento estressor intensificando as emoções negativas e culminando na autolesão para aliviar essa tensão emocional. Por outro lado, a Teoria da Anomia, que se baseia na falta de normas sociais claras e valores compartilhados em períodos anômalos, sugere que essa ausência de orientação pode aumentar a violência durante crises (DURKHEIM, 1987). A pandemia da COVID-19, com o *lock-down*, o distanciamento social e a insegurança econômica, exemplifica como essas condições podem gerar uma sensação generalizada de desorientação e falta de direção (FARINHA, 2020). A Teoria do Contágio Social, por sua vez, indica que comportamentos violentos, incluindo a autolesão, podem se espalhar entre as pessoas por meio de processos de imitação e influência social, especialmente durante momentos de incerteza, quando as pessoas buscam modelos de comportamento para lidar com a situação. Com o distanciamento social e a falta de acesso a redes de apoio, é natural que o comportamento de colegas ou figuras próximas tenha um impacto maior, tornando mais provável a imitação (VALENZANO et al., 2020).

Do ponto de vista da teoria econômica, considera-se a capacidade das pessoas de enfrentar e lidar com situações estressantes de forma adaptativa (KEYES, 2013). Nesse contexto, a tolerância à frustração, que se refere à habilidade de suportar situações adversas ou resultados indesejados sem desistir dos objetivos, é um aspecto importante. Quando essa tolerância é baixa, indivíduos podem ter dificuldades em lidar com o estresse emocional e podem recorrer a comportamentos extremos e autodestrutivos (CIPRIANO; CELLA; COTRUFO, 2017). Estudos de Muehlenkamp et al. (2012) indicam que jovens têm uma tolerância à frustração mais baixa, possivelmente devido às altas expectativas em relação ao futuro, o que os torna mais vulneráveis quando as coisas não saem como planejado. Esse efeito é agravado em momentos de crise, quando a tolerância à frustração da população em geral tende a diminuir devido ao aumento do estresse, incerteza e pressão emocional. Além disso, estudos recentes indicam que meninas geralmente apresentam uma menor tolerância à frustração em comparação aos meninos (World Health Organization, 2023). Essa diferença pode ser atribuída à maior propensão das meninas em enfrentar dificuldades na regulação de emoções negativas e na gestão de situações angustiantes (LEUNG et al., 2006).

Quando há um impulso ou desejo intenso de causar dano físico a si mesmo, ainda que a pessoa

não tenha agido sobre esses pensamentos ou impulsos, essa necessidade é classificada como ideação autolesiva (MIRANDA; SOUSA; LIMA, 2023). De acordo com Dezan (2023) indivíduos com uma forte necessidade de se ferir frequentemente recorrem à autolesão como uma forma de lidar com emoções difíceis, regular seu estado emocional ou buscar ajuda. Tanto a autolesão quanto a ideação são influenciadas por uma combinação de fatores individuais, sociais e psicológicos. O fenômeno varia conforme características pessoais, com discrepâncias significativas nas experiências, motivações e consequências da ideação de autolesão observadas entre diferentes grupos. Essas variações são influenciadas por fatores como idade, raça, gênero e as distintas vivências e situações enfrentadas. Contextos culturais e sociais também influenciam a percepção e as reações à autolesão, além de afetar o acesso a apoio e tratamento (MUEHLENKAMP et al., 2012).

Diversas pesquisas mostram que meninas tendem a relatar taxas mais altas de automutilação em comparação com meninos (BRESIN; SCHOENLEBER, 2015). De acordo com Rodham e Hawton (2009) as mulheres são mais propensas a utilizar a autolesão como uma forma de regulação emocional, enquanto os homens frequentemente a empregam como uma expressão de raiva ou frustração. Bresin e Schoenleber (2015), destacam que maior prevalência de autolesão entre mulheres é especialmente notória na adolescência. Enquanto as meninas são frequentemente socializadas para expressar dor e sofrimento internamente, resultando em automutilação, os meninos são incentivados a não mostrar fraqueza, o que explica, em parte, a menor prevalência relatada (HASKING et al., 2015).

Nessa perspectiva, as características individuais desempenham um papel significativo também na forma como o *bullying* afeta a autolesão (HAWTON; SAUNDERS; O'CONNOR, 2012). Conforme Archer (2004), fatores como gênero mediam a resposta dos indivíduos a experiências estressantes ou traumáticas. Durante a pandemia, meninos e meninas ajustaram suas formas de expressar violência para se adequar ao novo ambiente, onde as dinâmicas de poder e expressão diferiram das interações presenciais. Esses ajustes são evidenciados pela intensificação de comportamentos já existentes ou pelo desenvolvimento de novas estratégias de enfrentamento. Ao encontro disso, Matos et al. (2023) argumenta que a pandemia trouxe mudanças nas normas culturais e sociais que influenciaram a forma como a violência é expressa e percebida entre os gêneros. Orben, Tomova e Blakemore (2020) também indica que a pandemia alterou as formas como comportamentos violentos são manifestados. Evidências desse tipo demonstram um aumento no *bullying* online e na violência digital durante a pandemia, sugerindo que a maneira de expressar violência mudou com a transformação no ambiente social.

Ao analisar essas questões, é essencial considerar as dinâmicas individuais e sociais envolvidas, bem como os efeitos das mudanças contextuais provocadas pela pandemia. Enquanto alguns efeitos são amplificados por fatores comuns, as respostas individuais são moldadas por características pessoais e contextuais específicas, exigindo uma compreensão aprofundada para a intervenção em casos de *bullying* após períodos de crise. Conhecer as diferenças de gênero é um passo importante para desenvolver intervenções e tratamentos eficazes (HASKING et al., 2015). Com base no exposto, este estudo parte da premissa de que a pandemia, ao introduzir estresse adicional, isolamento social, incertezas e mudanças na rotina diária, intensificou a propensão dos jovens a se ferirem, especialmente em casos relacionados ao *bullying*. Essa intensificação se manifestou de maneiras distintas entre os gêneros, refletindo variações nas formas como meninos e meninas enfrentam e reagem a situações estressantes.

## **Base de Dados**

Os dados utilizados no estudo provêm de uma pesquisa de campo longitudinal realizada pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação e Economia Social (LEPES) e pelo Instituto Ayrton Senna (IAS), em parceria com a Secretaria de Educação de Sobral. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionários a 2.100 estudantes, abrangendo 20 escolas municipais em 2019 e 31 escolas em 2022. O levantamento foi iniciado em 2018, com a coorte de estudantes matriculados no 5º ano do ensino fundamental. Esta coorte vem sendo acompanhada anualmente desde

então. O presente estudo utiliza dados de dois pontos no tempo, 2019 e 2022, com estes estudantes matriculados no 6º e 8º ou 9º ano, respectivamente. Apesar de haverem dados disponíveis sobre uma ampla gama de indicadores, este trabalho foca sobre itens relacionados à autolesão, *bullying* e outras informações que, teoricamente, podem contribuir para a explicar esta relação<sup>1</sup>. As Tabelas 1 e 2 apresentam as estatísticas descritivas das variáveis que compõem o estudo antes e depois da pandemia, respectivamente.

Tabela 1 – Descrição das variáveis utilizadas antes da pandemia

Variáveis	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	Observações
Necessidade de se ferir	0,33	0,47	0	1	960
Sofrer bullying	0,33	0,47	0	1	960
Meninas	0,51	0,5	0	1	960
Não Brancos	0,83	0,37	0	1	960
Repetência	0,07	0,26	0	1	960
Autoimagem	0,08	0,28	0	1	960
Duro consigo	0,57	0,49	0	1	960
Sofrer violência em casa	0,16	0,36	0	1	960
Presenciar violência em casa	0,19	0,39	0	1	960

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2 – Descrição das variáveis utilizadas depois da pandemia

Variáveis	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	Observações
Necessidade de se ferir	0,35	0,47	0	1	1363
Sofrer bullying	0,33	0,47	0	1	1363
Meninas	0,47	0,49	0	1	1363
Não Brancos	0,78	0,4	0	1	1363
Repetência	0,09	0,26	0	1	1363
Autoimagem	0,27	0,44	0	1	1363
Duro consigo	0,82	0,37	0	1	1363
Sofrer violência em casa	0,13	0,34	0	1	1363
Presenciar violência em casa	0,19	0,39	0	1	1363

Fonte: Elaboração própria.

Na amostra coletada antes da pandemia, 51,36% dos estudantes eram do sexo feminino, enquanto após a pandemia esse percentual diminuiu para 47,37%. Quanto à raça, 83,02% dos alunos se declararam não brancos antes da pandemia, percentual que diminuiu para 78,94% no período posterior.

## Estratégia Empírica

Para avaliar a relação entre *bullying* e autolesão, foram estimados modelos de regressão logística, separadamente para cada ano na amostra (2019 e 2022). Especificamente, o modelo proposto pode ser representado pela equação:

$$Y_{it} = \beta_1 \text{bullying}_{t-1} + \beta_2 X_{it} + \beta_3 W_{it-1} + \varepsilon_{it} \quad (1)$$

$$Y_{it} = \beta_1 \text{bullying}_{t-1} + \beta_2 X_{it} + \beta_3 W_{it-1} + \varepsilon_{it} \quad (2)$$

<sup>1</sup> Como por exemplo, a variável "Duro consigo", que foi baseada na pergunta "Sou muito duro comigo mesmo", que indica excesso de autocobrança.

onde  $Y_{it}$  é uma variável binária igual a 1 se o estudante apresenta a necessidade de se ferir no período  $t$  e 0 em caso contrário. Esta variável foi criada a partir de uma categorização da variável originalmente observada, cuja resposta varia numa escala de frequência.<sup>2</sup> Assim, a variável dependente pode ser interpretada como a probabilidade de um estudante já ter sentido necessidade de se autolesionar. A variável  $bullying_{t-1}$  também foi criada a partir da categorização de respostas dadas em uma escala de frequência.<sup>3</sup>  $X_{it}$  é um vetor de características dos estudantes, observadas no período  $t$  enquanto  $W_{it}$  inclui covariadas defasadas.<sup>4</sup> O parâmetro de interesse,  $\beta_1$ , captura o efeito marginal da relação entre  $bullying$  e necessidade de autolesão. O uso de uma defasagem temporal nesta variável e no vetor de covariadas  $W$  é necessário para lidar com uma possível causalidade reversa.<sup>5</sup> Em algumas especificações também foram incluídas *dummies* de escola para controlar para características comuns a todos os estudantes matriculados na mesma unidade. Em todas as especificações os erros-padrão foram agrupados em *clusters* de escola, permitindo que termo de erro  $\varepsilon_{it}$  seja correlacionado entre alunos na mesma escola.

Uma importante limitação deste estudo é que não é possível controlar para características não-observáveis. Se o termo de erro  $\varepsilon_{it}$  for correlacionado com a variável de interesse  $bullying_{it-1}$  a estimativa de  $\beta_1$  será viesada. Assim, os resultados apresentados neste artigo devem ser interpretados apenas como correlações e não um efeito causal.

## Análise dos Resultados

De acordo com a literatura, a experiência de *bullying* está associada a um aumento do risco de problemas de saúde mental e comportamentos autodestrutivos, como a ideação ou prática de autolesão (KÄLLMÉN; HALLGREN, 2021; AHMAD et al., 2023; AUGUSTINE; BJERELD; TURNER, 2024; WANG et al., 2024). No caso de Sobral, tanto o *bullying* quanto a ideação de autolesão são fenômenos de alta incidência no período analisado. Em termos comparativos, nos Estados Unidos, cerca de 19% dos alunos de 12 a 18 anos relataram ter sofrido *bullying* durante o ano letivo de 2021-2022 (National Center for Education Statistics, 2024b). As taxas tendem a atingir o pico no ensino fundamental, especialmente para alunos do 6º ao 9º ano, onde aproximadamente 26% dos alunos do ensino fundamental relatam ter sofrido *bullying* (National Center for Education Statistics, 2024a). A Figura 1 mostra que pelo menos um terço dos estudantes na amostra já foram vítimas de *bullying*, enquanto uma proporção similar declarou já ter sentido necessidade de se autolesionar.

É possível observar que a incidência de *bullying* e da necessidade de se autolesionar é elevada entre os estudantes de Sobral, tanto antes quanto após a pandemia. No período anterior, 33,02% dos alunos relataram ter sofrido *bullying*, enquanto 33,12% indicaram sentir a necessidade de se ferir. Após a pandemia, esses números aumentaram para 34,84% e 35,36%, respectivamente. Cabe considerar que os dados gerais podem mascarar diferenças significativas em subgrupos específicos. Por exemplo, alguns grupos de estudantes podem ter experimentado aumentos ou diminuições mais significativas em relação ao *bullying* ou à necessidade de se ferir. A Tabela 3 ilustra o perfil dos estudantes que sofrem *bullying* e dos que sentem necessidade de se ferir.

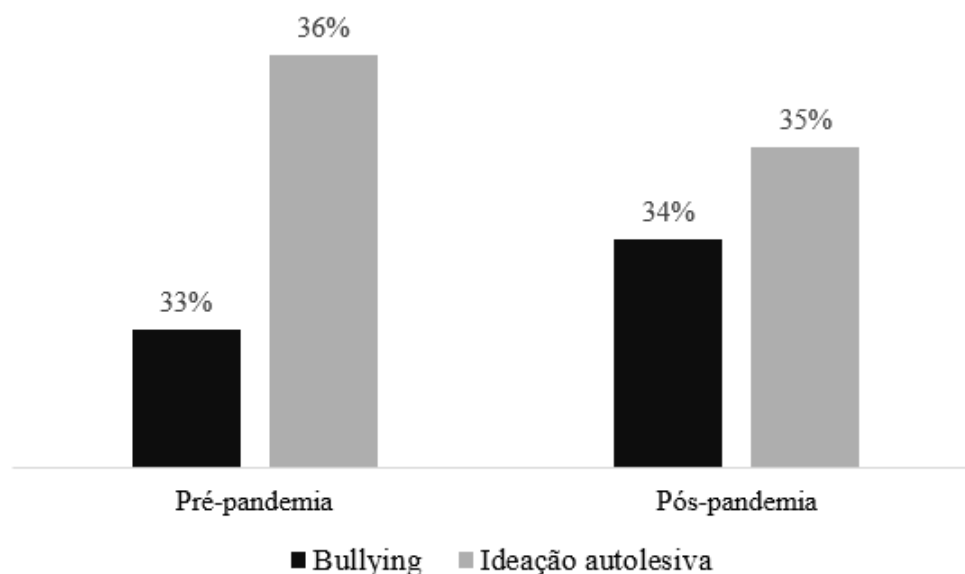
<sup>2</sup> As opções de resposta são “Nunca”, “Em poucos momentos” e “Em muitos momentos”

<sup>3</sup> A pergunta feita aos estudantes foi “Nos últimos 30 dias, com que frequência algum dos seus colegas de escola te esculacharam, zoaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado, incomodado, aborrecido, ofendido ou humilhado?”, tendo como possível resposta a mesma escala da variável dependente.

<sup>4</sup> O vetor  $X_{it}$  inclui as variáveis de gênero, raça e repetência, enquanto em  $W_{it}$  foram incluídas as variáveis binárias “Autoimagem”, “Duro consigo” e “Presenciou violência”.

<sup>5</sup> Em outras palavras, se fossem avaliadas contemporaneamente a relação observada poderia ser da autolesão levando ao *bullying*. O mesmo se aplica às demais variáveis contidas no vetor  $W$ .

Figura 1 – Ocorrências de *bullying* e ideação autolesiva pré e pós-pandemia (2019 e 2022)



Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3 – Perfil da amostra quanto a vitimização por *bullying* e necessidade de se ferir

Características	Pré-pandemia		Pós-pandemia		
	<i>bullying</i> t-1	Necessidade de se ferir t	<i>bullying</i> t-1	Necessidade de se ferir t	
Gênero	Feminino	41,9%	51,8%	48,8%	58,1%
	Masculino	54,5%	47,1%	51,1%	41,8%
	Não responderam	3,5%	1,0%	0%	0%
Raça	Branços	15,1%	16,2%	16,1%	17,4%
	Não brancos	81,5%	81,8%	60,6%	78,8%
	Não responderam	3,3%	1,8%	23,1%	3,7%
Repetência	Sim	10,2%	12,6%	9,0%	11,6%
	Não	83,0%	80,9%	71,8%	86,8%
	Não responderam	6,7%	6,3%	19,1%	1,5%
Violência física sofrida em casa	Sim	22,4%	23,7%	20,0%	24,0%
	Não	70,8%	69,7%	60,1%	74,2%
	Não responderam	6,7%	6,4%	19,7%	1,7%
Violência física presenciada em casa	Sim	11,6%	13,9%	16,9%	20,1%
	Não	81,6%	79,6%	64,3%	78,7%
	Não responderam	6,7%	6,3%	18,6%	1,1%

Fonte: Elaboração própria.

A incidência de *bullying* é ligeiramente maior entre os meninos, enquanto a necessidade de se ferir é mais prevalente entre as meninas (tanto antes quanto depois do isolamento social). Conforme Gredler (2003), os meninos geralmente são mais envolvidos em casos de *bullying*, tanto como vítimas quanto como perpetradores. Normas sociais, especialmente as relacionadas a questões de gênero, podem incentivar comportamentos agressivos e competitivos entre os meninos, tornando-os mais propensos a sofrer *bullying* físico e verbal devido à pressão para se conformar a certos estereótipos masculinos. Por outro lado, meninas tendem a internalizar mais seus problemas e emoções negativas, o que pode resultar em comportamentos autodestrutivos, como a autolesão (MUEHLENKAMP et al., 2012).

A incidência de *bullying* e necessidade de se ferir também é maior entre estudantes não-

brancos, o que não é de todo surpreendente. Historicamente, estes estudantes estão mais expostos a preconceitos raciais, estereótipos e discriminação e podem responder de maneira diferente ao estresse e ao trauma psicológico (GALINA et al., 2017).

A Tabela 4 apresenta as razões de chance estimadas usando o modelo definido pela equação 2, antes e após a pandemia. Nas colunas (1) e (4) são apresentadas as estimativas sem nenhuma variável de controle, enquanto nas colunas (2) e (5) foram incluídas características individuais e nas colunas (3) e (6) variáveis que controlam para o ambiente familiar dos estudantes.

Tabela 4 – Razões de chance da necessidade de se ferir antes e após a pandemia

	<i>Variável Dependente: Necessidade de se ferir</i>					
	Pré-pandemia			Pós-pandemia		
	Sem controles	Individuais	Familiares	Sem controles	Individuais	Familiares
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Sofrer <i>bullying</i> $t_{-1}$	1.28* (0.14)	1.20 (0.13)	1.07 (0.14)	2.06*** (0.07)	1.90*** (0.08)	1.74*** (0.09)
Meninas		1.75** (0.13)	1.68** (0.13)		1.60*** (0.13)	1.59*** (0.13)
Não brancos		1.95 (0.15)	1.94 (0.16)		1.88 (0.13)	1.86 (0.14)
Repetência		2.86*** (0.32)	2.82*** (0.32)		2.14*** (0.19)	2.16*** (0.19)
Autoimagem $t_{-1}$		-1.02 (0.22)	-1.04 (0.23)		1.63*** (0.13)	1.62*** (0.13)
Duro consigo $t_{-1}$		1.55*** (0.17)	1.52*** (0.17)		1.55** (0.15)	1.48** (0.16)
Sofreu viol $t_{-1}$			1.41 (0.30)			1.86*** (0.11)
Presenciou viol $t_{-1}$			0.31 (0.20)			1.08 (0.19)
Constante	-0.788*** (0.08)	-0.908** (0.39)	-0.958** (0.39)	-0.871*** (0.07)	-1.607*** (0.51)	-1.546*** (0.51)
Dummy de escola	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Cluster de escola	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Observações	960	960	960	1,363	1,363	1,363
Log Likelihood	-608.142	-584.197	-580.275	-866.622	-828.023	-820.725
Akaike Inf. Crit.	1,220.284	1,220.394	1,216.550	1,737.243	1,716.046	1,705.451

Nota:

\*p<0.1; \*\*p<0.05; \*\*\*p<0.01

Fonte: Elaboração própria.

Antes da pandemia é difícil afirmar que o sofrimento causado pelo *bullying* afete a probabilidade do estudante sentir necessidade de se ferir. No modelo sem controles, a estimativa pontual mostra que um estudante que sofreu *bullying* no ano anterior tem uma chance 28% maior de sentir necessidade de se autolesionar, mas esta estimativa tem pouca precisão e vai se dissipando na medida em que são incluídos novos controles (colunas 2 e 3). Outros fatores, além do *bullying*, parecem desempenhar papéis mais proeminentes nessa dinâmica, como aponta a literatura.<sup>6</sup> Esses achados vão ao encontro

<sup>6</sup> McMahon et al. (2010) apontam que aspectos psicológicos, escolares e familiares são importantes para explicar a

tro de estudos anteriores que reiteradamente apontam a violência autoinfringida como um fenômeno multidimensional. Todavia, as colunas 4-6 da Tabela 3 mostram que, após a pandemia, a vitimização por *bullying* tornou-se um fator significativo. Estudantes que sofreram *bullying* no ano anterior têm 74% mais chances de apresentar ideação de autolesão em comparação com aqueles que não sofreram *bullying*, mesmo após considerar as características individuais e familiares. Esse resultado contribui para a hipótese de que os jovens ficaram mais sensíveis após o isolamento social indicando que, em um contexto de mudanças drásticas como a pandemia, o *bullying* se tornou um fator adicional de risco para o comportamento de ideação autolesiva (CARVAJAL, 2023).

Outros fatores importantes para explicar a probabilidade de sentir necessidade de se ferir podem ser avaliados na Tabela 4. Por exemplo, as meninas têm uma probabilidade 68% maior do que os meninos, o que vai ao encontro de estudos como os de Matsukura, Fernandes e Cid (2012). Após a pandemia, as meninas mantêm essa tendência, com uma chance aproximadamente 59% maior de sentir a necessidade de se ferirem em comparação com as meninas. Estudos sugerem que a pandemia exacerbou os fatores de risco para autolesão entre meninas, incluindo aumento do isolamento social, maior exposição ao estresse emocional e ansiedade (HAWES et al., 2022).

Quanto à reprovação escolar, os resultados indicam que, antes da pandemia, indivíduos que repetiram de ano têm uma chance cerca de 2,82 vezes maior de sentir a necessidade de se ferirem em comparação com aqueles que não repetiram de ano. Após a pandemia, a repetência continua sendo o preditor mais significativo da necessidade de se ferir, corroborando a influência das dificuldades acadêmicas na saúde mental. Estudos mostram que o fracasso acadêmico está relacionado a um aumento do estresse psicológico, somado à estigmatização frente aos pares, contribuindo para a necessidade de se ferir como uma forma de lidar com a percepção de inadequação (BENETTI et al., 2010). As dificuldades acadêmicas, amplificadas pela pandemia, aumentaram a pressão sobre os estudantes, fazendo com que a reprovação permaneça um preditor significativo para a autolesão especialmente em contextos onde há uma forte ênfase na performance acadêmica, como em Sobral, é esperado que a reprovação tenha um peso expressivo nas pressões decorrentes do fracasso escolar. Ao encontro disso, Matsukura, Fernandes e Cid (2012) observam que alunos que nunca reprovaram têm maior tendência a apresentar comportamentos pró-sociais.

No que se refere à autocrítica, indivíduos que são mais duros consigo mesmos têm uma probabilidade 52% maior de sentir a necessidade de se ferirem em comparação com aqueles que não são tão autocríticos. Autocrítica é a tendência de avaliar-se severamente e de forma negativa. Indivíduos que são excessivamente críticos de si mesmos frequentemente enfrentam sentimentos intensos de inadequação e fracasso (ZELKOWITZ; COLE, 2019). Esses sentimentos contribuem para a ideação autolesiva na medida em que aumentam a dor emocional e a sensação de desesperança. Nesse caso, a inclusão de variáveis familiares, como ter sofrido ou presenciado violência em casa, reduz a magnitude da relação entre autocrítica e autolesão, indicando que o ambiente familiar é um moderador importante desse efeito de modo que a presença de violência parece desviar o foco da autocrítica fazendo com que seus efeitos sejam menos pronunciados quando outros fatores familiares estão em jogo. Segundo Klonsky e Muehlenkamp (2007) a dinâmica familiar pode criar um contexto em que os efeitos da autocrítica são mitigados ou eclipsados pela necessidade de lidar com traumas mais imediatos e tangíveis.

Para Katz et al. (2004) a autocrítica intensa está associada a transtornos de humor, como depressão e ansiedade, sendo um preditor importante para o risco de comportamentos autolesivos. De acordo com Gilbert et al. (2004) indivíduos que são excessivamente duros consigo mesmos tendem a internalizar suas falhas e dificuldades de maneira mais intensa, levando a uma maior probabilidade de recorrer à autolesão como forma de lidar com a dor emocional. Após a pandemia, indivíduos mais duros consigo mesmos têm uma probabilidade 49% maior de apresentar ideação auto lesiva demonstrando que as pessoas continuaram a experimentar altos níveis de autocrítica, agravados pelas dificuldades adicionais relacionadas ao contexto pandêmico. Este efeito persistente destaca a importância de

---

necessidade de se ferir.

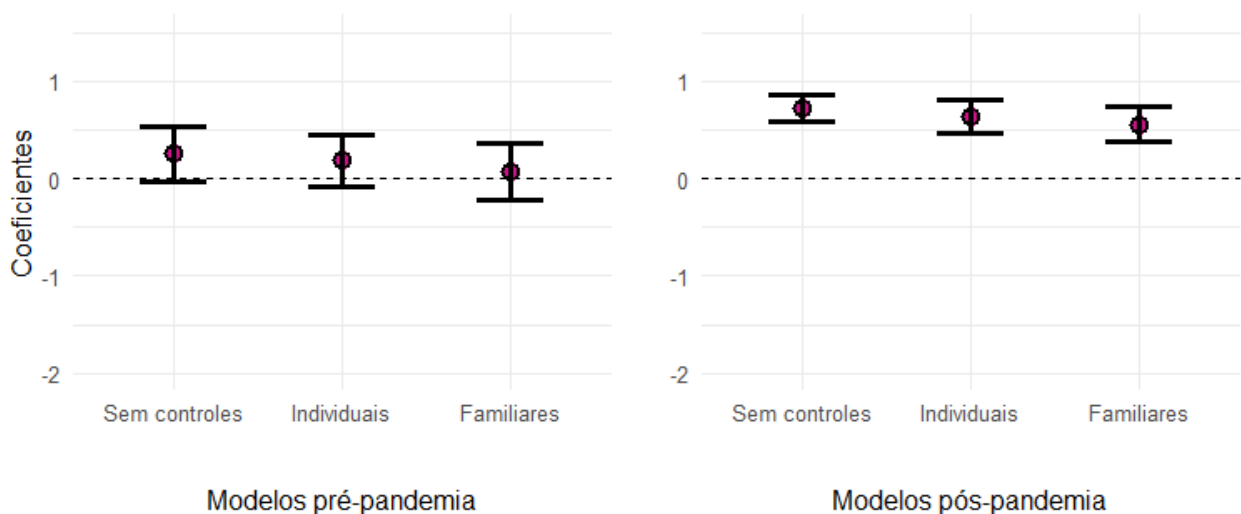
fatores psicológicos na manutenção da saúde mental durante e após eventos estressantes.

A autoimagem não se mostrou significativa para explicar a necessidade de autolesão antes da pandemia. De acordo [Klonsky e Muehlenkamp \(2007\)](#) a dinâmica familiar, incluindo experiências de violência em casa, pode moderar esse efeito, com a necessidade de lidar com traumas imediatos muitas vezes sobrepondo as consequências da autocritica. No entanto, após a pandemia, a autoimagem passou a contribuir com um aumento de 62% na probabilidade de necessidade de se ferir. Isto pode ser atribuído à intensificação das preocupações com a aparência devido ao estresse, mudanças na rotina, menor atividade física e maior exposição a padrões de beleza idealizados nas mídias sociais. Para [Panchal et al. \(2023\)](#), o isolamento forçado contribuiu para uma maior autopercepção negativa, pois reduziu o número de interações sociais, que são fontes importantes de feedback positivo e apoio emocional. A ausência dessas interações intensificou a introspecção e os pensamentos negativos sobre si mesmo aumentando o risco de problemas relacionados à autoimagem, como a ideação autolesiva.

As variáveis de contexto familiar relacionadas à violência doméstica, seja ela presenciada ou sofrida, não foram significativas para explicar a necessidade de autolesão antes da pandemia. No contexto específico da amostra, outros fatores, dentro ou fora do ambiente familiar, parecem desempenhar um papel mais preponderante na propensão à autolesão. Entretanto, após a pandemia, sofrer violência doméstica aumentou a probabilidade de necessidade de autolesão em 86%. No período pré-pandêmico, a violência doméstica não se mostrou um fator significativo para a necessidade de autolesão, possivelmente devido à influência de outros fatores e à variabilidade na resposta individual. No entanto, o aumento do tempo passado em casa devido às medidas de isolamento social potencialmente intensificou os conflitos familiares e a violência doméstica existente, ou aumentou a incidência em lares anteriormente pacíficos. Isso ampliou as consequências da violência doméstica na saúde mental. Esse efeito é consistente com os estudos de [Gilbert e Irons \(2009\)](#), que identificam a violência doméstica como um preditor da autolesão.

A Figura 2 sintetiza os modelos pré e pós-pandemia em relação aos coeficientes associados à variável de sofrer *bullying* defasada, juntamente com seus intervalos de confiança. As barras que ultrapassam a linha tracejada indicam significância estatística dos coeficientes, e quanto mais elevadas, maiores são seus valores. As linhas ao redor dos pontos representam os intervalos de confiança correspondentes.

Figura 2 – Coeficientes de associação entre vitimização por *bullying* e necessidade de autolesão: análise pré e pós-pandemia



Fonte: Elaboração própria.

Após a pandemia, a vitimização por *bullying* tornou-se um fator significativo, sugerindo que os jovens podem estar mais sensíveis após o isolamento social. O contexto de mudanças drásticas durante a pandemia fez com que o *bullying* se transformasse em um fator adicional de risco para comportamentos autolesivos, confirmando a hipótese de que a relação entre ser vítima de *bullying* e a necessidade de se ferir mudou após a pandemia. A crise sanitária pode ter exacerbado os efeitos adversos do *bullying* na saúde mental, amplificando esses efeitos de várias maneiras. A interrupção das rotinas diárias, a incerteza econômica e o medo generalizado de infecção aumentaram os níveis de estresse e ansiedade. Para aqueles que já eram vulneráveis, como as vítimas de *bullying*, essas pressões adicionais podem ter intensificado sentimentos de desespero e a necessidade de encontrar formas de lidar com o sofrimento emocional. Sabe-se que magnitude da associação entre uma variável explicativa e a variável dependente pode se alterar entre diferentes subgrupos da população. Isso ocorre porque o mesmo fator pode ter efeitos distintos em diferentes grupos devido a características específicas, como gênero, idade, etnia ou outros atributos. Nesse caso, chama atenção as diferenças inerentes ao gênero. Estudos, como o de [Lucian et al. \(2023\)](#), identificaram uma maior frequência de automutilação entre meninas, resultado que está alinhado com as evidências apresentadas por [Soto et al. \(2011\)](#) e [Fonseca et al. \(2018\)](#). Os estudos de [Swannell et al. \(2014\)](#) também sugerem que meninas e mulheres tendem a relatar taxas mais altas de autolesão comparadas aos meninos e homens.

A associação entre ser do sexo feminino e uma maior probabilidade de sentir a necessidade de se ferir pode ser explicada por diversos fatores identificados na literatura. Questões psicológicas, sociais e culturais específicas afetam meninos e meninas de maneira distinta em relação ao comportamento de autolesão, e o mesmo se aplica ao *bullying*. Meninas, por exemplo, tendem a internalizar suas emoções, o que pode levar a comportamentos autolesivos mais frequentes. Meninos, por outro lado, podem externalizar suas emoções de outras formas, como através de agressão ou comportamento impulsivo. No que se refere ao *bullying*, meninos frequentemente estão mais envolvidos em *bullying* físico, enquanto meninas podem ser mais afetadas por *bullying* relacional e verbal ([COSMA; BALAZSI; BĂBAN, 2018](#)). Fatores culturais desempenham um papel crucial na forma como meninos e meninas enfrentam e expressam sofrimento emocional. Normas culturais sobre comportamentos esperados para cada gênero podem influenciar essas respostas emocionais. Em contextos de instabilidade social, como durante a pandemia, essas normas podem ser desafiadas ou modificadas. Tudo indica que a pandemia criou um ambiente de incerteza e estresse, onde os padrões culturais habituais sobre gênero se tornaram mais flexíveis e sujeitos a mudanças. Assim, é concebível que a ausência de convivência social, que normalmente reforça essas normas de gênero, tenha levado meninos e meninas a alterar a forma como lidam com o sofrimento e expressam a violência ([LAUFER; BITTON, 2021](#)).

Nesse contexto, meninos, que frequentemente são desencorajados a expressar vulnerabilidade, podem apresentar uma maior tendência a se ferir após o isolamento social, uma vez que a possibilidade de externalizar a violência com terceiros ficou limitada. Por outro lado, é importante considerar que, após a pandemia, a ausência de convivência social e as mudanças no ambiente comunitário podem ter levado meninas a adotar comportamentos de externalização de forma mais semelhante aos meninos, incluindo agressão física e envolvimento em conflitos ([LOADES et al., 2020](#)). Com base nisso, realiza-se uma análise da interação entre a necessidade de autolesão relacionada ao *bullying* sofrido e o gênero, com o objetivo de investigar se a relação entre o *bullying* e a ideação autolesiva varia entre meninos e meninas. As características individuais dos grupos podem influenciar como o *bullying* afeta a tendência para a autolesão. Os resultados dessa análise estão reportados na Tabela 5.

Tabela 5 – Razões de chance dos efeitos heterogêneos de gênero na necessidade de se ferir antes e após a pandemia

	<i>Variável Dependente: Necessidade de se ferir</i>					
	Pré-pandemia			Pós-pandemia		
	Sem controles	Individuais	Familiares	Sem controles	Individuais	Familiares
Sofrer <i>bullying</i> $t-1$	2.04 *** (0.25)	1.96 *** (0.16)	1.77*** (0.18)	2.47*** (0.15)	2.34*** (0.13)	2.10*** (0.14)
Sofrer <i>bullying</i> $t-1$ * meninas	1.38*** (0.29)	1.35*** (0.30)	1.34*** (0.29)	1.68 (0.24)	1.65* (0.23)	1.68 (0.23)
Meninas	-1.89 (0.14)	-1.93 (0.16)	-1.96 (0.16)	1.64*** (0.18)	1.71** (0.17)	1.69** (0.18)
Não brancos		-1.01 (0.16)	-1.02 (0.17)		1.14 (0.14)	1.16 (0.14)
Repetência		2.76*** (0.31)	2.72*** (0.32)		2.13*** (0.19)	2.15*** (0.19)
Autoimagem $t-1$		-1.02 (0.21)	-1.05 (0.21)		1.64*** (0.13)	1.63*** (0.13)
Duro consigo $t-1$		1.55*** (0.17)	1.52*** (0.17)		1.56*** (0.15)	1.49** (0.16)
Sofreu viol $t-1$			1.44* (0.29)			1.83*** (0.12)
Presenciou viol $t-1$			1.31 (0.20)			1.09 (0.19)
Dummy de escola	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Cluster de escola	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Constante	-0.843*** (0.11)	-1.077*** (0.39)	-1.129*** (0.40)	-0.643*** (0.10)	-1.715*** (0.52)	-1.643*** (0.52)
Dummy de escola	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Cluster de escola	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Observações	960	960	960	1,363	1,363	1,363
Log Likelihood	-601.640	-578.480	-574.352	-852.126	-826.492	-819.534
Akaike Inf. Crit.	1,211.279	1,210.960	1,206.704	1,712.252	1,714.984	1,705.067

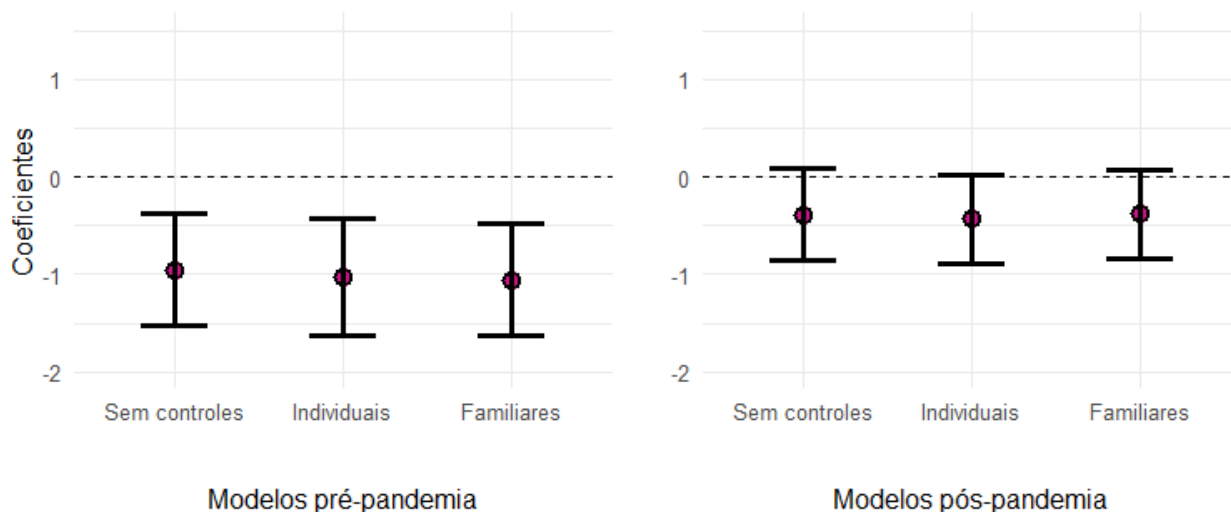
Nota:

\*p<0.1; \*\*p<0.05; \*\*\*p<0.01

Fonte: Elaboração própria.

Antes da pandemia, a relação entre sofrer *bullying* e a necessidade de se ferir era mais significativa para meninas do que para meninos, devido a fatores psicossociais e biológicos, como diferenças na regulação emocional e na internalização de problemas. Após a pandemia, essa relação perdeu significância, sugerindo mudanças nas dinâmicas de gênero em resposta ao *bullying*. O isolamento social e as alterações nas relações durante a pandemia podem ter levado a novas estratégias de enfrentamento e uma uniformização nas respostas ao *bullying* entre os gêneros. A Figura 3 ilustra esses resultados.

Figura 3 – Coeficientes dos efeitos heterogêneos de gênero com *bullying* na necessidade de se ferir



Fonte: Elaboração própria.

Diante da ausência de significância estatística para o efeito heterogêneo após a pandemia, substituiu-se a necessidade de autolesão por um indicador de comportamento violento para avaliar se as mudanças nas dinâmicas de gênero e as consequências psicológicas da pandemia resultaram em alterações na forma como meninos e meninas externalizam a violência. Para isso, utilizou-se a pergunta "Durante o último ano, você se envolveu em problemas (brigas, drogas, roubo, vandalismo, etc.)?" como variável dependente. Os resultados dessa análise estão reportados na Tabela 6.

É possível observar que tanto antes quanto após a pandemia, os meninos apresentavam comportamentos mais violentos do que as meninas. Antes da pandemia, as meninas tinham 24% menos chances de expressar tais comportamentos em comparação aos meninos, e essa após a pandemia essa probabilidade praticamente se manteve, com 23% menos chances do que os meninos. Esses dados são consistentes com diversos estudos que indicam que os meninos são mais propensos a comportamentos agressivos (LOADES et al., 2020). Todavia, ao analisar a resposta via comportamento violento para o *bullying* sofrido, antes da pandemia não havia diferença significativa entre meninos e meninas, mas após a pandemia, as meninas começaram a manifestar novos padrões de comportamento violento, externalizando o sofrimento causado pelo *bullying* em terceiros, em vez de direcioná-lo para si mesmas, com 45% mais chance de reagir de forma violenta ao *bullying* do que os meninos, o que sugere uma mudança no padrão de resposta emocional e comportamental.

Antes da pandemia, as meninas eram mais propensas a sentir necessidade de se ferir devido ao *bullying* do que os meninos, ou seja, eram mais sensíveis aos efeitos do *bullying* na ideação autolesiva. No entanto, após a pandemia, essa diferença no impacto do *bullying* na necessidade de se ferir entre meninos e meninas desaparece, sugerindo que, após a pandemia, o comportamento de ideação autolesiva em resposta ao *bullying* convergiu entre os sexos com as meninas apresentando uma compensação comportamental (CHAVIRA; PONTING; RAMOS, 2022).

Essa interpretação é consistente com estudos sobre os impactos psicossociais de eventos disruptivos, como a pandemia, especialmente entre adolescentes do sexo feminino (RODRIGUES, 2020). Tradicionalmente, meninas eram associadas a formas de agressão indiretas e verbalizadas, mas após a pandemia, começaram a externalizar comportamentos violentos contra terceiros, semelhante aos meninos. Esse fenômeno pode ser visto como uma resposta adaptativa às novas condições estressantes e ao isolamento social, conforme sugerido por Racine et al. (2021).

Tabela 6 – Razões de chance dos efeitos heterogêneos de gênero no comportamento violento antes e após a pandemia

	<i>Variável Dependente: Comportamento violento</i>					
	Pré-pandemia			Pós-pandemia		
	Sem controles	Individuais	Familiares	Sem controles	Individuais	Familiares
Sofrer <i>bullying</i> $t-1$	2.61* (0.59)	2.78* (0.65)	2.16 (0.67)	3.74*** (0.40)	3.40*** (0.38)	2.85*** (0.38)
Sofrer <i>bullying</i> $t-1$ *meninas	1.45 (0.77)	1.39 (0.78)	1.42 (0.80)	1.37** (0.43)	1.39** (0.42)	1.41* (0.43)
Meninas	-1.25*** (0.55)	-1.22*** (0.57)	-1.24*** (0.55)	-1.27*** (0.35)	-1.23*** (0.39)	-1.23*** (0.40)
Não brancos		1.39 (0.38)	1.37 (0.40)		1.51 (0.29)	1.55 (0.29)
Repetência		-1.28 (0.54)	-1.25 (0.56)		1.39 (0.33)	1.38 (0.35)
Autoimagem $t-1$		1.36 (0.47)	1.29 (0.49)		1.84** (0.26)	1.84** (0.27)
Duro consigo $t-1$		-1.39 (0.32)	-1.43 (0.32)		1.82* (0.32)	1.66 (0.30)
Sofreu viol $t-1$			1.29 (0.28)			2.36*** (0.26)
Presenciou viol $t-1$			2.08** (0.47)			1.29 (0.24)
Constante	-3.892*** (0.38)	-3.542*** (0.76)	-3.631*** (0.77)	-3.454*** (0.30)	-20.182 (805.79)	-20.081 (802.80)
Dummy de escola	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Cluster de escola	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Observações	994	994	994	1,207	1,207	1,207
Log Likelihood	-199.161	-187.151	-183.575	-347.749	-327.325	-320.630
Akaike Inf. Crit.	406.323	428.302	425.149	703.499	714.651	705.260

Nota:

\*p<0.1; \*\*p<0.05; \*\*\*p<0.01

## Considerações finais

Este estudo analisou a relação entre *bullying* e ideação autolesiva em dois períodos do tempo: 2019 antes da pandemia (2019) e depois (2022). Antes da pandemia, não havia uma relação clara entre ser vítima de *bullying* e a ideação autolesiva. Após a pandemia, no entanto, a experiência de *bullying* aumentou significativamente a probabilidade de ideação autolesiva, indicando que a pandemia pode ter reduzido a tolerância à frustração dos jovens, tornando-os mais vulneráveis ao *bullying*. Além disso, fatores como gênero, repetência escolar e autoimagem corporal emergiram como preditores importantes da ideação autolesiva.

Antes da pandemia, as meninas eram mais propensas à ideação autolesiva em resposta ao *bullying* do que os meninos. Após a pandemia, essa diferença desapareceu, sugerindo uma convergência de comportamentos entre os gêneros. Isso pode ser explicado pelo fato de que as meninas passaram a externalizar mais comportamentos violentos, tornando as respostas ao *bullying* mais se-

melhantes entre meninos e meninas. Esses achados estão alinhados com a literatura, que indica que estresse e isolamento social podem modificar normas de gênero e expressão emocional.

As implicações incluem a necessidade de abordar não apenas fatores associados à autolesão, mas também pressões sociais, estereótipos de gênero e autoimagem ao desenvolver estratégias de prevenção e tratamento para *bullying* e autolesão. É fundamental implementar políticas escolares que promovam apoio acadêmico e emocional, oferecendo tutoria, aconselhamento, escuta ativa, grupos de apoio e atividades que melhorem o bem-estar dos estudantes e reduzam o *bullying*. Apesar das limitações metodológicas e da amostra específica do estudo, ele indica que, em contextos adversos como uma pandemia, os jovens se tornam mais vulneráveis à violência escolar, tanto como vítimas quanto como perpetradores. Estudos futuros sobre o tema podem verificar se essa mudança de relação após pandemia foi permanente ou se voltaremos aos padrões encontrados antes do aparecimento da COVID-19.

## Referências

AHMAD, K. et al. The impact of gender and age on bullying role, self-harm and suicide: Evidence from a cohort study of Australian children. *PLoS one*, Public Library of Science San Francisco, CA USA, v. 18, n. 1, p. e0278446, 2023. Citado na página 7.

ALMEIDA, S. B. de. Bullying: conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. *Psicologia argumento*, v. 27, n. 58, p. 201–206, 2009. Citado na página 2.

ARCHER, J. Sex differences in aggression in real-world settings: A meta-analytic review. *Review of general Psychology*, SAGE Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 8, n. 4, p. 291–322, 2004. Citado na página 5.

ARCOVERDE, R. L.; SOARES, L. S. L. d. C. Funções neuropsicológicas associadas a condutas autolesivas: revisão integrativa de literatura. *Psicologia: reflexão e crítica*, SciELO Brasil, v. 25, p. 293–300, 2012. Citado na página 3.

ASSOCIATION, A. P. et al. *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. [S.l.]: Artmed Editora, 2014. Citado na página 2.

AUGUSTINE, L.; BJERELD, Y.; TURNER, R. The role of disability in the relationship between mental health and bullying: a focused, systematic review of longitudinal studies. *Child Psychiatry & Human Development*, Springer, v. 55, n. 4, p. 893–908, 2024. Citado na página 7.

BAUMEISTER, R. F. Escaping the self: Alcoholism, spirituality, masochism, and other flights from the burden of selfhood. (*No Title*), 1991. Citado na página 3.

BENETTI, S. P. d. C. et al. Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-usf*, SciELO Brasil, v. 15, p. 321–332, 2010. Citado na página 10.

BERMAN, A. L.; SILVERMAN, M. M.; BONGAR, B. M. *Comprehensive textbook of suicidology*. [S.l.]: Guilford Press, 2000. Citado na página 3.

BEY, G. S.; ULBRICHT, C. M.; PERSON, S. D. Theories for race and gender differences in management of social identity-related stressors: A systematic review. *Journal of racial and ethnic health disparities*, Springer, v. 6, p. 117–132, 2019. Citado na página 2.

- BRESIN, K.; SCHOENLEBER, M. Gender differences in the prevalence of nonsuicidal self-injury: A meta-analysis. *Clinical psychology review*, Elsevier, v. 38, p. 55–64, 2015. Citado na página 5.
- BRITO, C. C.; OLIVEIRA, M. T. Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas. *Jornal de Pediatria*, SciELO Brasil, v. 89, p. 601–607, 2013. Citado na página 3.
- CARVAJAL, F. J. L. Estudio de la evolución del (cyber) bullying en tiempos de pandemia por covid-19. *Cuadernos de Investigación Educativa*, v. 14, n. 2, 2023. Citado na página 10.
- CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. d. Dor e gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações. *Psicologia Usp*, SciELO Brasil, v. 24, p. 203–223, 2013. Citado na página 3.
- CHAVES, G. et al. Adolescência e autolesão: uma proposta psicodiagnóstica compreensiva e interventiva. *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, Academia Paulista de Psicologia, v. 41, n. 100, p. 93–105, 2021. Citado na página 3.
- CHAVIRA, D. A.; PONTING, C.; RAMOS, G. The impact of covid-19 on child and adolescent mental health and treatment considerations. *Behaviour research and therapy*, Elsevier, v. 157, p. 104169, 2022. Citado na página 14.
- CIPRIANO, A.; CELLA, S.; COTRUFO, P. Nonsuicidal self-injury: A systematic review. *Frontiers in psychology*, Frontiers, v. 8, p. 282818, 2017. Citado na página 4.
- COSMA, A.; BALAZSI, R.; BĂBAN, A. Bullying victimization and internalizing problems in school aged children: A longitudinal approach. *Cognition, Brain, Behavior*, ASCR PRESS, v. 22, n. 1, p. 31–45, 2018. Citado na página 12.
- CRONEMBERGER, G. L.; SILVA, R. M. d. Autolesão não suicida em mulheres jovens: compreensão dos significados envolvidos no ato autolesivo. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, SciELO Brasil, v. 33, p. e33051, 2023. Citado na página 3.
- DEZAN, M. F. L. *Comportamento autolesivo na adolescência: uma proposta de compreensão a partir da função da autolesão*. [S.l.]: Editora Dialética, 2023. Citado 2 vezes nas páginas 2 e 5.
- DURKHEIM, E. *La división del trabajo social*. [S.l.]: Ediciones Akal, 1987. v. 39. Citado na página 4.
- ESCOBAR, A. d. M. P. R.; ARRUDA, M. d. F. A.; SOBRINHO, J. E. de L. Estratégias de prevenção do suicídio e da autolesão voltadas para adolescentes em ambientes escolares: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, p. e0411326157–e0411326157, 2022. Citado na página 3.
- FARINHA, C. A. Os modos de vida e a quarentena da covid-19. *Brazilian Journal of Policy and Development*, v. 2, n. 4, p. 147–163, 2020. Citado na página 4.
- FILHO, C. H. G. et al. Estudo sobre a correlação entre taxas de suicídio e a pandemia de covid-19. *Saúde Ética & Justiça*, v. 27, n. 1, p. 09–17, 2022. Citado 2 vezes nas páginas 2 e 4.
- FONSECA, P. H. N. d. et al. Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. *Arquivos brasileiros de psicologia*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 246–258, 2018. Citado na página 12.
- GALINA, V. F. et al. A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, SciELO Brasil, v. 21, p. 297–308, 2017. Citado na página 9.

GILBERT, P. et al. Criticizing and reassuring oneself: An exploration of forms, styles and reasons in female students. *British Journal of Clinical Psychology*, Wiley Online Library, v. 43, n. 1, p. 31–50, 2004. Citado na página 10.

GILBERT, P.; IRONS, C. Shame, self-criticism, and self-compassion in adolescence. *Adolescent emotional development and the emergence of depressive disorders*, v. 1, p. 195–214, 2009. Citado na página 11.

GREGLER, G. R. Olweus, d.(1993). bullying at school: What we know and what we can do. malden, ma: Blackwell publishing, 140 pp., 25.00. *Psychology in the Schools*, v. 40, n. 6, 2003. Citado na página 8.

HASKING, P. et al. What happens when you tell someone you self-injure? the effects of disclosing nssi to adults and peers. *BMC public health*, Springer, v. 15, p. 1–9, 2015. Citado na página 5.

HAWES, M. T. et al. Increases in depression and anxiety symptoms in adolescents and young adults during the covid-19 pandemic. *Psychological medicine*, Cambridge University Press, v. 52, n. 14, p. 3222–3230, 2022. Citado na página 10.

HAWTON, K.; SAUNDERS, K. E.; O’CONNOR, R. C. Self-harm and suicide in adolescents. *The lancet*, Elsevier, v. 379, n. 9834, p. 2373–2382, 2012. Citado na página 5.

JUNIOR, A. F. O comportamento suicida no brasil e no mundo. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 2, n. 01, p. 15–28, 2015. Citado na página 4.

JUNIOR, P. M. C. B.; CANAVÊZ, F. O corpo na contemporaneidade: notas preliminares sobre a prática de autolesão em adolescentes. *Analytica: Revista de Psicanálise*, v. 7, n. 13, p. 179–191, 2018. Citado na página 2.

KÄLLMÉN, H.; HALLGREN, M. Bullying at school and mental health problems among adolescents: a repeated cross-sectional study. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, Springer, v. 15, p. 1–7, 2021. Citado na página 7.

KATZ, L. Y. et al. Feasibility of dialectical behavior therapy for suicidal adolescent inpatients. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, Elsevier, v. 43, n. 3, p. 276–282, 2004. Citado na página 10.

KEYES, C. L. *Mental well-being: International contributions to the study of positive mental health*. [S.l.]: Springer, 2013. v. 8. Citado na página 4.

KLOMEK, A. B. et al. Association between victimization by bullying and direct self injurious behavior among adolescence in europe: a ten-country study. *European child & adolescent psychiatry*, Springer, v. 25, p. 1183–1193, 2016. Citado na página 3.

KLONSKY, E. D.; MAY, A. M. The three-step theory (3st): A new theory of suicide rooted in the “ideation-to-action” framework. *International Journal of Cognitive Therapy*, Guilford Press, v. 8, n. 2, p. 114–129, 2015. Citado na página 4.

KLONSKY, E. D.; MUEHLENKAMP, J. J. Self-injury: A research review for the practitioner. *Journal of clinical psychology*, Wiley Online Library, v. 63, n. 11, p. 1045–1056, 2007. Citado 2 vezes nas páginas 10 e 11.

LAUFER, A.; BITTON, M. S. Gender differences in the reaction to covid-19. *Women & health*, Taylor & Francis, v. 61, n. 8, p. 800–810, 2021. Citado na página 12.

- LEUNG, F. et al. A chinese adaptation of the distress tolerance scale among adolescents: Factor structure and psychometric properties. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 2006. Citado na página 4.
- LOADES, M. E. et al. Rapid systematic review: the impact of social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of covid-19. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, Elsevier, v. 59, n. 11, p. 1218–1239, 2020. Citado 2 vezes nas páginas 12 e 14.
- LUCENA, V. G. de; HOLANDA, I. F. S. de; BELMINO, M. C. de B. A dor que corta a pele e rasga a alma: O significado da autolesão em estudantes do ensino médio. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 7, p. 49595–49616, 2020. Citado na página 2.
- LUCIAN, C. V. et al. Violência autoprovocada em adolescentes segundo gênero em uma capital da região amazônica do brasil, 2009-2021. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 6, n. 4, p. 16819–16834, 2023. Citado na página 12.
- MACEDO, Y. M. de; NELVO, T. G.; SILVA, I. P. da. Prevenção ao bullying em escolas públicas: Análise das medidas de enfrentamento no rio de janeiro (rj). *RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218*, v. 4, n. 9, p. e494097–e494097, 2023. Citado na página 3.
- MATOS, M. G. de et al. Covid-19, wellness and life satisfaction in adolescence: Individual and contextual issues. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, MDPI, v. 20, n. 8, p. 5600, 2023. Citado na página 5.
- MATSUKURA, T. S.; FERNANDES, A. D. S. A.; CID, M. F. B. Fatores de risco e proteção à saúde mental infantil: o contexto familiar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 23, n. 2, p. 122–129, 2012. Citado na página 10.
- MCMAHON, E. et al. Bullying victimisation, self harm and associated factors in irish adolescent boys. *Social science medicine*, v. 71 7, p. 1300–1307, 2010. Citado na página 9.
- MIRANDA, M. C. L. B.; SOUSA, J. G.; LIMA, M. B. Perfil epidemiológico de lesões autoprovocadas no estado do piauí entre 2017 e 2021. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 4, p. e23812441124–e23812441124, 2023. Citado na página 5.
- MUEHLENKAMP, J. J. et al. International prevalence of adolescent non-suicidal self-injury and deliberate self-harm. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, Springer, v. 6, p. 1–9, 2012. Citado 3 vezes nas páginas 4, 5 e 8.
- National Center for Education Statistics. *Student Bullying - Condition of Education*. 2024. Accessed: 2024-09-30. Disponível em: <<https://nces.ed.gov/fastfacts/display.asp?id=719>>. Citado na página 7.
- National Center for Education Statistics. *Student Bullying - School Crime and Safety*. 2024. Accessed: 2024-09-30. Disponível em: <<https://nces.ed.gov/programs/coe/indicator/a10>>. Citado na página 7.
- NOCK, M. K. *Understanding nonsuicidal self-injury: Origins, assessment, and treatment*. [S.l.]: American Psychological Association, 2009. Citado na página 3.
- OECD. *Brazil - Country Note - TALIS 2018 Results*. 2019. Volume I: Teachers and School Leaders as Lifelong Learners. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/talis/resultados>>. Citado na página 2.

- O'LOUGHLIN, C.; BURKE, T. A.; AMMERMAN, B. A. Examining the time to transition from nonsuicidal self-injury to suicide attempt: A brief report. *Crisis: The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention*, Hogrefe Publishing, v. 42, n. 2, p. 157, 2021. Citado na página 4.
- ORBEN, A.; TOMOVA, L.; BLAKEMORE, S.-J. The effects of social deprivation on adolescent development and mental health. *The Lancet Child & Adolescent Health*, Elsevier, v. 4, n. 8, p. 634–640, 2020. Citado na página 5.
- PANCHAL, U. et al. The impact of covid-19 lockdown on child and adolescent mental health: systematic review. *European child & adolescent psychiatry*, Springer, v. 32, n. 7, p. 1151–1177, 2023. Citado na página 11.
- PEREIRA, M. T. R. F. *Bullying e comportamentos autolesivos não suicidários na adolescência*. Dissertação (Mestrado), 2016. Citado na página 3.
- RACINE, N. et al. Global prevalence of depressive and anxiety symptoms in children and adolescents during covid-19: a meta-analysis. *JAMA pediatrics*, American Medical Association, v. 175, n. 11, p. 1142–1150, 2021. Citado na página 14.
- RIBEIRO, A. C. d. O. P.; LEITE, R. F. D.; COUTO, V. V. D. Autolesão em estudantes adolescentes de uma escola pública. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 10, n. 1, p. 135–144, 2022. Citado na página 3.
- RODHAM, K.; HAWTON, K. *Epidemiology and phenomenology of nonsuicidal self-injury*. American Psychological Association, 2009. Citado na página 5.
- RODRIGUES, N. Q. C. Trabalho feminino em tempos de pandemia. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região*, v. 24, n. 1, p. 38–51, 2020. Citado na página 14.
- RUZGAR, M. P. B.; ZANDAVALLI, C. B. Análise de pesquisas sobre as práticas curriculares no combate ao bullying e cyberbullying. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Universidade do Estado da Bahia, v. 32, n. 69, p. 125–146, 2023. Citado na página 2.
- SANTOS, L. C. S. et al. *Condutas autolesivas e bullying em adolescentes de sergipe*. Universidade Federal de Sergipe, 2017. Citado na página 3.
- SOBRINHO, A. L. d. S. et al. *Jovens e saúde: revelações da pandemia no Brasil 2020-2022*. [S.l.]: Fiocruz, 2022. Citado 2 vezes nas páginas 2 e 4.
- SÔNEGO, R. V. O fenômeno autolesivo em adolescentes numa perspectiva sistêmica the self-injurious phenomenon in adolescents from a systemic perspective. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 6, p. 60380–60414, 2021. Citado na página 2.
- SOTO, C. J. et al. Age differences in personality traits from 10 to 65: Big five domains and facets in a large cross-sectional sample. *Journal of personality and social psychology*, American Psychological Association, v. 100, n. 2, p. 330, 2011. Citado na página 12.
- SOUZA, R. A. D. C. de et al. Indicadores de autolesão e evasão escolar entre crianças e adolescentes do ensino fundamental no estado da paraíba: estudo de série temporal. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 11, p. e317101119596–e317101119596, 2021. Citado na página 3.
- SOUZA, R. A. de. *Bullying e as Equipes de Ajuda: é possível a ajuda entre os adolescentes para a superação da violência na escola?* [S.l.]: Editora Dialética, 2023. Citado na página 2.

SWANNELL, S. V. et al. Prevalence of nonsuicidal self-injury in nonclinical samples: Systematic review, meta-analysis and meta-regression. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, Wiley Online Library, v. 44, n. 3, p. 273–303, 2014. Citado na página 12.

URRUTH, G. de S.; JAEGER, F. P. Prevenção e saúde mental dos adolescentes: fatores de risco frente às dificuldades vivenciadas na pandemia da covid-19. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 10, p. e385111032857–e385111032857, 2022. Citado na página 2.

VALENZANO, A. et al. The social brain and emotional contagion: Covid-19 effects. *Medicina*, MDPI, v. 56, n. 12, p. 640, 2020. Citado na página 4.

VAZQUEZ, D. A. et al. Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de covid-19. *Saúde em Debate*, SciELO Brasil, v. 46, p. 304–317, 2022. Citado na página 2.

WANG, X. et al. School bullying, bystander behavior, and mental health among adolescents: The mediating roles of self-efficacy and coping styles. In: MDPI. *Healthcare*. [S.l.], 2024. v. 12, n. 17, p. 1738. Citado na página 7.

World Health Organization. Mental health in europe and central asia: girls fare worse than boys. 2023. Disponível em: <<https://www.who.int/europe/news/item/10-10-2023-mental-health-in-europe-and-central-asia--girls-fare-worse-than-boys>>. Citado na página 4.

ZELKOWITZ, R. L.; COLE, D. A. Self-criticism as a transdiagnostic process in nonsuicidal self-injury and disordered eating: Systematic review and meta-analysis. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, Wiley Online Library, v. 49, n. 1, p. 310–327, 2019. Citado na página 10.